

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

SUELLEN AMANDA DA SILVA FREIRE

COMUNICAÇÃO POPULAR NA AMAZÔNIA: a produção de conhecimentos de Joseane  
Calazans de Brito em Mazagão Velho/AP

Tefé/AM

2023

SUELLEN AMANDA DA SILVA FREIRE

COMUNICAÇÃO POPULAR NA AMAZÔNIA: a produção de conhecimentos de Joseane  
Calazans de Brito em Mazagão Velho/AP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
graduação em Licenciatura em História pela  
Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Gitahy De Figueiredo

Tefé/AM

2023

SUELLEN AMANDA DA SILVA FREIRE

COMUNICAÇÃO POPULAR NA AMAZÔNIA: a produção de conhecimentos de Joseane  
Calazans de Brito em Mazagão Velho/AP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
graduação em Licenciatura em História pela  
Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

DATA DE APROVAÇÃO: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo  
Universidade do Estado do Amazonas - UEA

---

Profa. Dra. Piedade Lino Videira  
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

---

Prof. Me. Welner Fernandes Campelo  
Secretaria de Estado de Educação e Desporto – SEDUC/AM

Tefé/AM

2023

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me dado forças para superar as adversidades e não me deixar desistir frente a elas.

A Universidade do Estado do Amazonas, e ao Centro de Estudos Superiores de Tefé, pela oportunidade de realizar o sonho de cursar Licenciatura em História.

Ao Prof. Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo, orientador deste trabalho, pela disposição, parceria e carinho ao longo dessa jornada de aprendizado e descobertas.

Aos professores do curso, por todos os ensinamentos e momentos vivenciados, foram imprescindíveis para a minha formação profissional e pessoal.

A minha família, em especial a minha mãe Raimunda dos Santos Marinho, por seu amor incondicional. Esta monografia é resultado de todos os seus esforços para que eu pudesse estudar.

Aos/as meus amigos/as, especialmente a Thelrem Maciel Coelho e Staicy Ramos de Oliveira, pelo apoio e por todos os lindos momentos que compartilhamos nesses últimos quatro anos.

E a todos/as que direta ou indiretamente contribuíram para este trabalho, o meu muito obrigada.

## RESUMO

Este trabalho analisa as práticas de comunicação desempenhadas por Joseane Calazans de Brito no distrito de Mazagão Velho - Amapá. A problemática que pauta essa pesquisa é, compreender que tipo de conhecimento ela produz por meio da comunicação. Para tanto, foi necessário entender como ela se tornou comunicadora popular e o significado que atribui a comunicação, além de identificar as formas e os meios pelos quais realiza essa prática. A metodologia utilizada neste trabalho foi a Etnografia dialógica, assim, as narrativas de Joseane são tratadas não apenas como objeto de pesquisa, mas como uma fonte de conhecimentos que surgem fora do âmbito acadêmico. A partir dos resultados obtidos, verificou-se que a produção de conhecimentos realizada por meio das ações de Joseane enquanto comunicadora popular, tem o objetivo de valorizar a cultura de Mazagão Velho e seus moradores, sendo esses saberes produtos da comunidade, o trabalho que desempenha visa à amplificação das vozes desses atores sociais.

**Palavras-chave:** Comunicação Popular; Mazagão Velho; Valorização Cultural; Conhecimentos.

## **ABSTRACT**

This paper analyzes the communication practices carried out by Joseane Calazans de Brito in the municipality of Mazagão Velho - Amapá. The problem guiding this research is understanding what kind of knowledge she produces through communication. To do so, it was necessary to understand how she became a popular communicator and the meaning she gives to communication, besides identifying the ways and means by which she does this practice. The methodology used in this work was dialogic ethnography so that Joseane's narratives are treated not only as an object of research but also as a source of knowledge that arises outside the academic sphere. From the results obtained, it was found that the production of knowledge through the actions of Joseane as a popular communicator aims to enhance the culture of Mazagão Velho and its inhabitants, being these knowledge products of the community, the work she does aims to amplify the voices of these social actors.

**Keywords:** Popular Communication; Mazagão Velho; Cultural valorization; Knowledge.

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	7
1 TEORIA E COMUNICAÇÃO.....	12
1.1. A produção dialógica de teorias.....	12
1.2. Reflexões sobre comunicação popular .....	14
1.3. Comunicação e a presença negra na Amazônia.....	18
2 MAZAGÃO VELHO E A COMUNICAÇÃO POPULAR.....	25
2.1. Mazagão Velho: berço da cultura amapaense.....	25
2.2. A comunicação popular nas redes sociais.....	28
2.3. A comunicação popular no rádio .....	30
2.4. Formação de redes .....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	36
REFERÊNCIAS .....	39

## **COMUNICAÇÃO POPULAR NA AMAZÔNIA: A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS DE JOSEANE CALAZANS DE BRITO EM MAZAGÃO VELHO/AP**

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Há muito tempo, os conhecimentos considerados válidos são aqueles produzidos dentro das universidades e centros de pesquisas, dotados do rigor e método científico, são tidos como os mais importantes para a compreensão da vida humana e dos fenômenos que ocorrem na natureza. O que acontece é que, essa valorização exacerbada dos conhecimentos científicos produzidos na academia gera uma hierarquização, em que os saberes populares e tradicionais são por vezes considerados inferiores. bell hooks (2013) aponta que, fora desses espaços também surgem concepções valiosas, a partir da realidade vivida as pessoas refletem sobre suas condições e passam a agir para transformá-las, resultando no processo que ela denomina de teorização. As próprias experiências da referida autora ilustram seu argumento, desde a infância na década de 1950 no estado de Kentucky, Estados Unidos, ela apresentava o impulso de questionar o que não acreditava ser correto, como a autoridade excessiva do pai e as normas impostas pela sociedade para as pessoas negras, e especialmente para as mulheres.

Segundo ela, esses pensamentos que contestam as coisas naturalizadas, que indagam sobre o que os seres humanos entendem como normais, fazem parte da teorização. O que difere essas teorias das que surgem no ambiente acadêmico são as formas de criação e não o conteúdo em si. Um exemplo utilizado por hooks (2013) são os debates feministas que aconteciam nos Estados Unidos nas décadas de 1970 e 1980 em que mulheres negras refletiam sobre suas experiências. Através desses encontros elas passavam a ter um olhar mais crítico frente as dificuldades enfrentadas e pensavam em alternativas para superá-las. Nesse sentido, se as teorias não se restringem apenas ao âmbito acadêmico, é preciso ainda que, os atores sociais que geram esses pensamentos sejam reconhecidos como construtores do conhecimento científico, levando em consideração nesse processo suas vivências, sejam elas populares, comunitárias, quilombolas, indígenas, ribeirinhas e outras.

A proposta deste trabalho parte desse pressuposto, por meio da história de vida e das ações realizadas por Joseane Calazans de Brito, busca-se responder o seguinte questionamento:

que tipo de conhecimentos advém de sua prática enquanto comunicadora popular? A partir de suas narrativas procura-se entender como ela se tornou comunicadora; identificar suas concepções sobre comunicação e analisar as formas e meios utilizados para efetuar-las. Joseane é natural do distrito de Mazagão Velho, localizado no município de Mazagão<sup>1</sup> no estado do Amapá. Trata-se de uma cidade antes localizada em Marrocos, que atravessou o Atlântico no século XVIII, tendo a maior parte de sua população migrado para a Amazônia e se instalado as margens do Rio Mutuacá<sup>2</sup>. É formada em sua maioria por afrodescendentes, além de ser rica em manifestações culturais como as Festas do Divino Espírito Santo, a Festa de São Tiago e o Marabaixo<sup>3</sup>.

As experiências de Joseane são relevantes porque sendo uma comunicadora popular, amazônica e negra, e visto que essas duas últimas características são carregadas de estereótipos cristalizados na sociedade, ela nos oferece a oportunidade de enxergar de forma mais clara, a participação de uma parcela do povo e da cultura amazônica que não é posta em foco pela grande mídia, a população negra e quilombola da região. Assim, lançar um olhar sobre as práticas que Joseane realiza é de suma importância para conhecer em parte a Amazônia Negra, por vezes relegada ao esquecimento, e ainda, entender como suas produções se relacionam a esses sujeitos, ajudando a construir uma visão sem julgamentos.

Nessa perspectiva, a metodologia empregada neste trabalho foi a etnografia dialógica. Utilizada pelo autor Guilherme Gitahy de Figueiredo, e baseada em autores como Frantz Fanon (2005) e Johannes Fabian (1996; 2008), os procedimentos realizados visam uma prática em que os participantes da pesquisa não sejam apenas objetos de estudo. Figueiredo (2020) aponta como a etnografia dialógica surgiu a partir de autores como Fabian (2001), Bazin (2008), Geertz (1989), que teceram críticas ao modelo tradicional da etnografia que afastava os pesquisadores dos povos com os quais interagem. Se os etnógrafos se afastam dos sujeitos da pesquisa e apenas observam, para depois construírem suas interpretações, eles fazem na verdade um duplo movimento. É nesse contexto que Fabian (2001 apud FIGUEIREDO, 2020) defende que não apenas a construção do texto etnográfico seja realizada em diálogo com os sujeitos, mas que a pesquisa ocorra também de forma dialógica.

---

<sup>1</sup> Segundo o censo de 2010 do IBGE a população estimada do município de Mazagão é de 17.032 pessoas, o que inclui os três distritos: Mazagão (sede), Mazagão Velho e Carvão.

<sup>2</sup> O Rio Mutuacá é um rio brasileiro que banha o estado do Amapá.

<sup>3</sup> A dança do Marabaixo é uma das manifestações culturais de matriz africana com maior destaque no estado do Amapá. O seu ritmo é marcado e ditado pelas caixas, instrumentos de percussão confeccionados por especialistas dos bairros dos centros urbanos e das comunidades da zona rural. (VIDEIRA, 2020)

Figueiredo (2020) usa o trabalho de June Nash<sup>4</sup> para ilustrar que é possível se repositonar a partir da etnografia dialógica. Nash começou seu trabalho em comunidades Maias no México utilizando a etnografia clássica, com o desenrolar de suas pesquisas em outros locais como na Bolívia e em Massachussets (EUA), desenvolveu a seguinte teoria: a partir da observação nesses três locais percebeu que os processos históricos ligados ao neoliberalismo causavam transformações, o que gerou também em cada comunidade uma resistência frente a essa expansão neoliberal. Mas isso só foi possível porque ela reavaliou a forma como enxergava os grupos com os quais estava trabalhando, diminuindo a distância entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, identificando que ambos fazem parte desse mundo que é conectado “nos ‘circuitos ampliados’, onde ‘todas as relações sociais se encontram’.” (NASH, 2006, p. 65 apud FIGUEIREDO, 2020, p. 75).

Guilherme Figueiredo (2020) defende que, o que mais chama atenção no trabalho desenvolvido por June Nash é que ela se inseriu no campo, na vida dos nativos, e aprendeu com eles, repensando sua prática. Daí a importância de pensar na contribuição de Nash e de outros autores para fazer uso de uma metodologia em que o pesquisador não se coloca em um patamar acima, mas assume uma postura de humildade ao se despir de seus preconceitos e estar disposto a aprender com os sujeitos que fazem parte da pesquisa.

Nesse trabalho, a etnografia dialógica contribui para análise da história de vida de Joseane porque ao utilizar suas narrativas elas são tratadas como referenciais, ainda que não se tenha ido a campo e observado como Joseane desempenha esse trabalho em Mazagão Velho pessoalmente, por meio de suas narrativas, entrevistas e da análise de suas práticas nos meios digitais, foi possível realizar investigações que dialogam com os saberes que ela própria constrói. (FIGUEIREDO, 2022).

A primeira parte deste trabalho é dedicado a base teórica que norteou a análise da história de vida de Joseane. A partir da obra de bell hooks (2013), pode-se compreender o que ela denomina de teorização, e como esse processo se faz presente no cotidiano das pessoas. hooks elenca alguns motivos para a existência de uma hierarquia entre conhecimentos científicos e conhecimentos tradicionais, e aponta ainda a importância das formulações teóricas que surgem fora das academias para a transformação da realidade dos grupos sociais.

Paulo Freire é outro intelectual utilizado para examinar as concepções de Joseane. As percepções de Freire em *Pedagogia do Oprimido* (1987), refletem a preocupação do autor com a participação dos sujeitos no ato de libertação, e para ele a dialogicidade é um dos alicerces

---

<sup>4</sup> “Antropóloga social, feminista e militante em diversos movimentos sociais, começou sua trajetória no final dos anos 1950 com uma etnografia clássica no México.” (Figueiredo, 2020, p. 67)

para que os “oprimidos” consigam transformar sua realidade. A partir da *práxis* (ação, reflexão e ação) os seres humanos podem alcançar sua liberdade, mas é necessário fazer isso em conjunto, e para isso a comunicação se torna essencial. Nas proposições de Freire, a comunicação é um elemento chave, uma vez que sem diálogo os sujeitos não conseguem se organizar e, portanto, pronunciar o mundo. Assim, conhecer as ideias de Paulo Freire sobre comunicação ajuda a entender as práticas de Joseane e suas próprias concepções acerca de seu papel como comunicadora.

A obra de Mário Káplun “El Comunicador Popular” (1985), é outro ponto importante na pesquisa pois se relaciona com as ideias de Freire (1987). Ambos defendem que a comunicação deve ser baseada na partilha e no diálogo entre os sujeitos. O modo como Kaplún (1985) conceitua a comunicação enquanto ato coletivo, leva a uma reflexão sobre as formas que ela deve ser realizada. Segundo o autor, os comunicadores populares que têm em vista práticas democráticas e horizontais não podem se abster de avaliar a maneira pela quais elas são efetuadas, e nem como a população participa desse processo.

A comunicação realizada por Joseane é ligada a presença negra na Amazônia, principalmente aos aspectos históricos e culturais da população afrodescendente de Mazagão Velho. Dessa maneira, as concepções de Patrícia Maria Melo Sampaio (2011) são cruciais para compreender, ainda que detidamente, alguns aspectos da introdução dos africanos no cenário amazônico.

Zélia Amador de Deus (2020), é outra autora que lança luz sobre este trabalho, ao apresentar a narrativa da divindade africana Ananse, na figura de uma aranha que guarda as histórias do povo negro em seu baú, ela nos remete as estratégias de resistência étnica e cultural desses povos durante a afrodiáspora. É importante destacar na obra de Deus (2020), ainda que esse não seja seu enfoque, o papel da comunicação no processo da tecitura de histórias durante a diáspora africana, em que a união e solidariedade foram imprescindíveis para a reconstrução pessoal e coletiva desses grupos.

Piedade Lino Videira (2020), que analisa a Dança do Marabaixo como manifestação cultural e instrumento de afirmação identitária, auxilia no entendimento de como essas expressões culturais são importantes para a manutenção das tradições e das africanidades no estado do Amapá, uma vez que elementos como as cantigas, as ladainhas, as danças e outros, evocam a memória dos habitantes e ajudam a resgatar a história dos afroamapaenses. Nesse aspecto, o papel da comunicação é evidenciado a partir das relações estabelecidas entre os moradores para que esses conhecimentos sejam passados às próximas gerações.

A segunda parte desta pesquisa trata da análise das experiências de comunicação popular praticadas por Joseane Calazans de Brito em Mazagão Velho. Primeiramente, aborda-se a formação do distrito, suas origens e características, alguns elementos que fazem parte das tradições históricas e culturais presentes nesse lugar, e ainda a importância sociocultural dessas manifestações para a população mazaganense. Posteriormente, são apresentadas as ações e estratégias de comunicação desenvolvidas por Joseane nas redes sociais e na rádio, e a formação de redes de comunicação dentro e fora de Mazagão Velho, identificando os tipos de conhecimentos que surgem dessas práticas.

## 1 TEORIA E COMUNICAÇÃO

### 1.1. A produção dialógica de teorias

bell hooks, em sua obra “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” (2013), nos apresenta suas reflexões acerca do processo de teorização. Para ela, teorizar não é um ato que ocorre apenas dentro dos espaços acadêmicos, pelo contrário, defende que esse processo acontece no cotidiano, muitas vezes parte de um lugar de dor, de questionamentos. Teorizar para a autora é uma capacidade humana, todos podem tecer reflexões a partir de suas vivências, que podem se tornar um lugar de cura individual ou coletiva, quando direcionadas para esse fim.

Suas obras são exemplos de como o contexto histórico e a realidade por ela vivida foram lugar de partida para suas formulações teóricas. O racismo que enfrentou na infância, na década de 1950 nos EUA marcada pela segregação racial; as experiências com a autoridade abusiva do pai, características do sistema patriarcal, em que ela não podia se expressar como gostaria pois era punida; de sua família pertencer a classe trabalhadora e posteriormente as experiências na universidade, onde os negros eram minoria, principalmente as mulheres, fizeram com que as suas concepções teóricas partissem de sua condição enquanto mulher, negra e trabalhadora. As discussões sobre raça, gênero e classe e a conexão três esferas de opressão são bastante visíveis nas obras de hooks.

Em *O feminismo é para todos* (2018), ela alerta para o papel da conscientização no processo de produção de teorias e cita o caso de mulheres negras norte-americanas nas décadas de 70 e 80 que utilizaram os Grupos de Conscientização para debater e criar estratégias contra a opressão masculina. Essas mulheres negras que viviam outros tipos de dominação e opressão em relação a classe, gênero e raça, não se sentiam representadas nas teorias formuladas pelas feministas brancas, e passavam então a utilizar esses grupos para debater e refletir sobre suas condições. Foi nessa época que o feminismo negro despontou nos Estados Unidos e muitas pensadoras negras passaram então a escrever e teorizar sobre suas realidades.

O diferencial das reuniões nos GCs<sup>5</sup> era o espaço adquirido fora das universidades para que essas mulheres pudessem criar suas concepções de maneira coletiva, e para isso o diálogo se tornava um elemento primordial, “É importante notar que comunicação e diálogo eram centrais na pauta das sessões de conscientização.” (HOOKS, 2018, p. 24). Em *Teoria feminista:*

---

<sup>5</sup> Grupos de conscientização

*da margem ao centro* (2019), ela destaca justamente a importância da comunicação para a formulação dessas novas teorias, não apenas para a criação dessas ideias, mas para o compartilhamento com o público em geral.

Outro ponto que a autora aborda em relação a teoria é a hierarquia que separa e exclui as ideias produzidas fora das universidades. A maioria das publicações tidas como clássicas dentro desses espaços foi escrita por homens brancos, e tem sido muito difícil romper essa tradição, o uso instrumental que essas pessoas fazem da teoria criam essas hierarquias, em que certas obras são consideradas superiores, entre elas as que foram redigidas em jargão, com linguagem acadêmica e difícil de entendimento. A própria autora recebeu várias críticas e chegou a ser considerada “não acadêmica” por conta de sua escrita e da preocupação em tornar suas obras mais acessíveis, em seu livro ela ressalta que, “(...) nenhuma teoria que não possa ser comunicada em uma conversa cotidiana pode ser usada para educar o público.” (HOOKS, 2013, pg. 90).

As ideias de bell hooks se aproximam das de Paulo Freire no que diz respeito à prática libertadora e a consciência crítica. Ambos dão ênfase ao processo de comunicação como elemento que auxilia nesse despertar crítico. De acordo com hooks (2013), a comunicação se faz necessária para que os sujeitos possam criar teorias em coletivo, refletindo a partir das situações que vivenciam, e posteriormente as compartilhando com os outros. Freire (1987) diz que o ser humano só consegue se libertar da condição de oprimido através da transformação da realidade, mas essa atitude de mudança vem de um olhar crítico, que desvela os problemas existentes e as causas de opressão. Contudo, só é possível adquirir essa visão analítica quando há o diálogo com outros seres humanos que fazem parte dessa mesma realidade, que se fortalecem como sujeitos historicamente conscientes e passam a problematizá-la.

Homens e mulheres são seres sociais e sendo assim não criam conhecimentos de forma individual, mas sim coletiva, e para isso a comunicação é essencial (FREIRE 1987). É a partir dessa relação dialógica que podem pronunciar o mundo e se tornar Sujeitos, e nesse cenário a “palavra” adquire muita relevância pois é a essência do diálogo, e apresenta duas dimensões: ação e reflexão, ou seja, a *práxis*. Pronunciar o mundo através da palavra é transformar a realidade, por esse motivo a *práxis* é tão importante, sem reflexão a palavra se torna alienada, e quando se enfatiza apenas a ação, pode-se convertê-la em ativismo (FREIRE, 1987). Por essa razão ele defende que não pode haver uma cisão entre teoria e prática, assim como hooks (2013) que afirma só ser possível utilizar as teorias como instrumentos para transformar a realidade se ambas as dimensões estiverem entrelaçadas.

Mesmo não teorizando propriamente sobre comunicação, a obra de Paulo Freire traz contribuições importantes sobre essa temática. Se não há comunicação os Sujeitos não são tratados como iguais, assim, não há diálogo e nem construção de conhecimentos, o que por sua vez não leva a reflexão e transformação da realidade que vivem. bell hooks (2013) aponta que uma das principais ideias de Paulo Freire que a inspiraram a pensar suas práticas é a população enquanto protagonista do processo de libertação. Nesse caso, descentralizar a produção de conhecimentos, levar e ampliar as concepções que surgem a partir das situações cotidianas para o âmbito acadêmico, e produzir teorias que sejam entendidas pelo público é essencial, pois são eles os agentes das mudanças sociais.

Um exemplo da importância de abrir os espaços acadêmicos às produções das populações consideradas minorias é vista na experiência do autor Vaz Filho (2019). Em meados dos anos 90 ele adentrou ao curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e por meio de disciplinas antropológicas se interessou pelos conceitos de cultura, etnicidade, identidade indígena e outros. Oriundo de uma comunidade ribeirinha do Pará, Pinhé, por meio desses estudos ele começou a repensar sua identidade, através de seu olhar e do olhar dos outros passou a se questionar e se dedicar ao tema. Nesse caso, a universidade foi o local em os conhecimentos antropológicos e os saberes que o autor carregava consigo referentes as suas vivências, se entrelaçaram para que ele refletisse sobre si mesmo e construísse suas próprias teorias.

Além disso, os conhecimentos adquiridos dentro da academia foram utilizados como instrumentos de afirmação de identidade indígena do autor e de muitos outros moradores dessas comunidades ribeirinhas. Ao se tornar professor universitário ele passou não só a divulgar a luta desses grupos, como ainda a inserir os acadêmicos nas mobilizações, dando visibilidade a resistência indígena. Vaz Filho (2019) aponta que, sua própria trajetória é um exemplo de como o nativo pode passar de objeto a sujeito da pesquisa, ainda que essas duas dimensões tenham se misturado, o importante é que a ausência do olhar do nativo vem sendo superada aos poucos. Contudo, é preciso que cada vez mais as universidades e outras instituições de pesquisa passem a reconhecer os conhecimentos que são produzidos por esses sujeitos, e que haja um diálogo constante entre eles. É claro que ainda há várias questões a serem tratadas, mas esse é um dos caminhos para superar essa separação entre teorias produzidas dentro e fora das universidades.

## **1.2. Reflexões sobre comunicação popular**

A autora Rosane Borges<sup>6</sup> (2019), ao falar sobre o conceito de comunicação, aponta que existem várias teorias formuladas a esse respeito, ora vista como ciência, ora como disciplina, e também como técnica e/ou prática, a comunicação suscitou diferentes abordagens ao longo do tempo. Sobre a origem do termo ela aponta que,

Do latim *communication*, a palavra “comunicação” se constrói a partir de três elementos: uma raiz, *munis*, que significa “estar encarregado de”, que é acrescida do prefixo *co*, o qual expressa simultaneidade, reunião, forma a ideia de uma “atividade realizada conjuntamente”, e completada pela terminação *tio*, que, por sua vez, reforça a ideia de atividade. (BORGES, 2019, p. 22)

Ainda que o significado remeta à atividade coletiva, no decorrer do tempo o conceito de comunicação parece ter se afastado do sentido original, e as pesquisas passaram a seguir dois vieses: o das universidades e o do mercado. Ao passo que foram surgindo novos estudos sobre comunicação, esses passaram a dar ênfase aos meios (rádio, televisão, mídias digitais, e outros) como instrumentos de transmissão de informações e não como ferramentas de construção coletiva de conhecimentos.

As ideias de Sodré (2001 apud BORGES, 2019) apontam que, o caráter mecanicista da comunicação passou a ser regulado pela lógica do mercado, que vê a população como “massa” que deve receber essas informações. A partir de Sodré e outros autores apareceram correntes teóricas críticas à essa concepção de comunicação de massa, entre elas os *estudos culturais*. Segundo Rosane Borges (2019), essa corrente de pensamento foca na análise do cotidiano, na relação entre comunicação e cultura, e na construção de vínculos. O objetivo não é acabar com a troca de dados e informações, mas que ela seja realizada a partir da relação Eu-Tu.

Essa relação “Eu-Tu” foi teorizada pelo autor Martin Buber<sup>7</sup>, tendo presenciado os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, ele publicou em 1923, período que morou na Alemanha, sua obra de maior destaque, o livro “Eu e Tu”, no qual fala sobre a filosofia do

---

<sup>6</sup> Jornalista, doutora em Ciências da Comunicação, professora colaboradora do Colabor (ECA-USP), pesquisadora na área de comunicação, imaginários, política contemporânea, relações raciais e de gênero, conselheira de honra do Coletivo Reinventando a Educação, integrante do grupo Estética e vanguarda do CTR (ECA-USP), articulista da revista Carta Capital, do blog da Editora Boitempo. Autora de diversos livros, entre eles: Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro (2004), Mídia e racismo (2012), Esboços de um tempo presente (2016). Disponível em: < <https://barco.art.br/people/rosane-borges/>>.

<sup>7</sup> Martin Buber (1878-1965) foi um filósofo austríaco muito influenciado pela tradição judaica. Doutor em Filosofia pela Universidade de Berlim em 1904, lecionou na Universidade de Frankfurt, sendo destituído do cargo em 1933 pelos nazistas. Em 1938 ensinou Sociologia na Universidade Hebraica de Jerusalém. Entre as suas áreas de pesquisa constam estudos sobre a Bíblia, judaísmo e Hassidismo; estudos políticos, sociológicos e filosóficos.

diálogo, inspirado sobretudo no Hassidismo<sup>8</sup>. Suas ideias sobre a importância do diálogo nas relações humanas influenciaram vários intelectuais que se voltaram para a área da comunicação, e outros como Paulo Freire, que se inspirou nas formulações de Buber para pensar a educação dialógica voltada para a prática libertadora.

Para Buber (2001), existem duas palavras princípios que regem a forma como os seres humanos veem o mundo, o EU-ISSO e o EU-TU. A primeira palavra princípio se refere as experiências e conhecimentos do EU, as descobertas que o EU enquanto indivíduo pode fazer. Já a segunda palavra princípio diz respeito as relações com os outros, “O EU se realiza na relação com o TU; é tornando EU que digo TU. Toda vida atual é encontro.” (BUBER, 2001, p. 33). Segundo o autor, só aprendemos a ser humanos quando nos abrimos para uma relação com outro, relação essa que exige reciprocidade e diálogo, em que o TU não pode ser tratado como objeto.

Por essa razão que ao falar sobre comunicação Rosane Borges (2019) faz uso das ideias de Buber (2001) para se referir ao caráter dialógico das relações sociais. A autora argumenta que na atualidade o que tem ocorrido é a prevalência do EU, em que nos tornamos o centro das relações, que há um “excesso do ego”. Borges (2019) defende que comunicação não é identificada apenas com o EU, mas sim com a criação de vínculos, com o pensar coletivo, baseado sobretudo no diálogo.

Mário Kaplún (1985), comunicador argentino, que se dedicou a temática da comunicação popular e também da educomunicação, e um dos principais nomes dentro dessa esfera, também se refere, em sua obra “El comunicador popular” à origem do termo comunicação e a essa caracterização simplista das práticas comunicacionais apenas como propagadoras de informações. Essa difusão de mensagens não é considerada comunicação pelo autor, uma vez que essa última implica reciprocidade e diálogo entre os seres humanos, que nessa relação trocam experiências e constroem aprendizados. Kaplún (1985) não propõe um afastamento da transmissão de informações, mas sim um posicionamento crítico frente a elas, saber de onde vêm, quem as formulou, ou seja, problematizá-las.

A comunicação deve ser entendida como um processo que vai além da transmissão de informações e que é permeado por relações de poder e dominação. Para o autor, a comunicação é uma prática política que pode ser utilizada tanto para promover a transformação social quanto para manter as estruturas de poder existentes. O problema da comunicação dominante, é que

---

<sup>8</sup> Hassidismo foi um movimento judaico que possuía um novo conceito de devoção. O hassid (seguidor deste movimento) tem por característica a serenidade, generosidade e ascetismo (este último acredita que o corpo é a causa de todos os males).

ela estabelece uma hierarquia, um fala e o outro escuta, um transmite e o outro recebe, limitando e excluindo a participação de vários atores sociais e se distancia cada vez mais do sentido original de comunicação.

Contudo, na época em que escreveu o livro, ele já sinalizava uma reação das camadas populares frente a essas situações, que apresentavam a vontade de não ser apenas receptoras passivas.

Los sectores populares no quieren seguir siendo meros oyentes; quieren hablar ellos también y ser escuchados. Pasar a ser inter-locutores. Junto a la "comunicación" de los grandes medios, concentrada en manos de unos pocos grupos de poder, comienza a abrirse paso una comunicación de base; una comunicación popular, comunitaria, democrática. (KAPLÚN, 1985, p. 67)

É nesse ponto que reside uma das grandes diferenças entre a comunicação dominante e a comunicação democrática, é que nesta última a população se torna protagonista. As formulações de Kaplún se assemelham as de Paulo Freire, ao falar sobre comunicação popular ele a baseia, como visto, no diálogo entre os sujeitos, e mais, argumenta ser imprescindível que os comunicadores populares executem análises críticas sobre suas práticas. Mário Kaplún faz uma comparação entre os diferentes tipos de educação que Freire destaca em suas obras e os tipos de comunicação que se assemelham a esses modelos.

O tipo de educação que Paulo Freire (1987) caracterizou como bancária enxerga os educandos como receptáculos vazios que devem ser preenchidos com informações, o professor é o detentor máximo de todos os conhecimentos, assim, não há espaço para o diálogo. A comunicação baseada neste modelo segundo Kaplún (1985), é, portanto, uma espécie de monólogo, em que o emissor fala a partir de suas visões de mundo e o receptor escuta passivamente. Já na comunicação aos moldes da educação libertadora, que visa superar a condição de opressão, as pessoas aprendem umas com as outras. A mudança que essa noção postula é a de pensamento, que os sujeitos se tornem mais críticos frente a realidade que vivem.

A comunicação defendida por Kaplún é justamente essa, libertadora, organizada a partir de quatro princípios: Processo educativo, em que a população aprende sobre sua realidade de maneira crítica; Processo organizativo, em que a colaboração entre os sujeitos é primordial; Diálogo e Participação. (KAPLUN, 1985). Conhecer os diferentes tipos de comunicação existentes é importante para a reflexão que os comunicadores populares devem realizar, mais do que apenas mudar os conteúdos, a forma como essa comunicação ocorre deve ser avaliada,

se ela visa ser aberta e democrática, não é feita para o povo, mas com o povo, não têm monopólio da palavra, e não pode estar desvinculada da organização popular.

Utilizando o termo cunhado por Jean Cloutier, Kaplún defende que todas as pessoas devem ser vistas como EMIRECs (emissores-receptores). E para que isso ocorra cabe muitas vezes ao comunicador popular ser o facilitador dessa prática horizontal. Nem sempre é possível fazer com que toda a população consiga produzir, na maioria dos casos uma equipe ou grupo fica responsável por essa produção, e é essa equipe que tem que buscar maneiras de realizar o diálogo e estimular a participação da comunidade nos diferentes meios que utilizam. Um dos exemplos que ele cita são as produções radiofônicas, para fazer programas populares de rádios, os comunicadores devem ir as comunidades e entrevistar as pessoas, perguntar sobre suas experiências, coletar informações e outros aspectos que os moradores acham importantes, gravar e guardar esse material.

Cada comunidade pode ter um correspondente que informa sobre as novidades, através de gravações ou entrevistas escritas. Assim, a população interage nesse processo e se torna protagonista também, e não apenas nos programas de rádio, mas nas peças teatrais, produções audiovisuais e outros. Nessas produções o essencial é a participação popular, realizada em conjunto, onde suas opiniões são levadas em consideração. A partir disso, a população pode enxergar a comunicação como instrumento de luta e empoderamento, se tornando mais consciente e crítica.

### **1.3. Comunicação e a presença negra na Amazônia**

A Amazônia, há muito tempo, tem sido objeto de visões dicotômicas: por um lado ela é o “pulmão do mundo”, com uma diversidade de fauna e flora que não se encontra em outros ecossistemas e, por outro, é um “inferno verde”, região composta apenas pela floresta, em um estado primitivo ou pouco desenvolvido. O que essas duas ideias têm em comum é que consideram a Amazônia um “vazio demográfico”, ou seja, não observam e nem dialogam com os povos e etnias que habitam a região há milhares de anos e a relação por eles estabelecida com a natureza. Esses estereótipos criados sobre a região são ainda mais acentuados quando projetam ideias de que Amazônia é habitada somente por grupos indígenas, diminuindo e ocultando no imaginário comum a diversidade de povos presentes aqui, como os ribeirinhos, extrativistas, quilombolas e outros.

Em relação ao povo negro, a invisibilidade parece ser ainda maior, por um longo período prevaleceu a noção de que não existiam negros na Amazônia, ainda que algumas pesquisas tenham se dedicado ao tema, o foco principal desses estudos era identificar a quantidade de africanos introduzidos na região na condição de escravizados. Como aponta Luis Balkar Sá Peixoto Pinheiro, se a ideia de vazio demográfico já havia sido amplamente questionada pelos historiadores, ao demonstrar a diversidade de etnias que habitavam a região antes da invasão europeia, “o ocultamento da presença negra na Amazônia continua efetivo, mantendo incólume uma das mais graves distorções na escrita da história na região.” (PINHEIRO, 1999, p. 149).

Segundo Pinheiro (1999), as pesquisas nessa época enfatizavam os registros de africanos escravizados que aportavam na região e a importância econômica que tinham para o Grão-Pará e Maranhão<sup>9</sup> nos períodos colonial e imperial, sendo a ideia mais comum à de que essa contribuição não teria sido tão significativa. Marley Antonia Silva da Silva (2015) elucida que, durante um período a historiografia tentou minimizar a presença negra no cenário amazônico, contudo, alguns estudiosos trouxeram novamente a questão para o debate acadêmico, entre eles Vicente Salles, Maria Celestino de Almeida, Arthur Cezar Ferreira Reis e outros.

Patrícia Maria Melo Sampaio é uma das intelectuais que também se dedicou a pesquisar aspectos da presença negra na Amazônia. Em seu livro *Espelhos Partidos: Etnia, legislação e desigualdade na Colônia* (2011) ela destinou um capítulo à temática da escravidão africana no Grão-Pará e Maranhão. Sampaio (2014) também se refere a invisibilidade da presença negra na historiografia amazônica, contudo, argumenta que desde a década de 1980 novos estudos tem revertido lentamente esse quadro, revelando novas realidades e trajetórias.

Em relação a essas investigações, mais que do que tratar de aspectos ligados a esfera econômica, ela destaca que as pesquisas devem focar nas formas de inserção dessas populações na região, nas relações de subordinação e poder, no funcionamento do sistema escravista, na formação de quilombos e mocambos e na importância desses sujeitos para o cotidiano da região.

Segundo Sampaio (2011), antes do século XVIII já era possível identificar a presença de negros na região, mas é a partir deste período que o índice se eleva, principalmente por conta das ações da Coroa Portuguesa. Em 1755, Sebastião José de Carvalho e Melo, primeiro ministro

---

<sup>9</sup> Compreende a atual região norte e parte da região nordeste do país, sua ocupação iniciou em 1612 e teve como marco a construção do Forte do Presépio em Belém em 1616. Em 1621 foi criado o Estado do Maranhão e Grão Pará, com Capital em São Luís. Em 1751 passa a se chamar Estado do Grão-Pará e Maranhão com Capital em Belém, e em 1772 o Estado do Grão-Pará e Maranhão se divide tornando-se dois Estados separados, um com capital em Belém, o outro com capital em São Luís. (SANTOS, 2002)

de Portugal, criou a Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, um dos objetivos do empreendimento era aumentar o número de cativos que vinham da África.

Portugal estava passando por um período complicado, era economicamente dependente dos britânicos, havia uma visão depreciativa dos estrangeiros sobre os lusitanos, e o clero dominava a sociedade portuguesa na época. Para alterar essa conjuntura, o Marquês de Pombal, como ficou conhecido o primeiro ministro, empreendeu uma série de reformas que visavam sobretudo, recuperar a economia, modernizar as instituições, controlar os impostos, e impor a autoridade secular sobre a religiosa.

No que diz respeito as colônias portuguesas na América, especificamente na Amazônia, o Marquês desejava mudanças no recrutamento da mão-de-obra indígena (somente descimentos<sup>10</sup>), na redistribuição das propriedades jesuíticas e na reformulação e ampliação da máquina administrativa, além da criação de uma companhia de comércio (SANTOS, 2002). Foi nesse contexto que a Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão (1755) surgiu, e se tornou uma das responsáveis pela introdução de africanos na região, não apenas com o intuito de subsistir a mão-de-obra nas atividades já desempenhadas pelos autóctones, mas também como defesa das regiões fronteiriças que eram alvo de disputas entre as nações europeias. Segundo Sampaio (2014), estima-se que enquanto a Companhia esteve em funcionamento, foram introduzidos na região cerca de 25 mil indivíduos, que em sua maioria vinham da África Central.

A respeito das razões pelas quais os africanos foram inseridos no contexto amazônico na época colonial e imperial, Marley Antonia Silva da Silva (2015) aponta algumas ideias defendidas pela historiografia sobre esse assunto. No que tange a questão do trabalho, ela utiliza as concepções de Arthur Cezar Ferreira Reis (2005 apud SILVA, 2015) de que havia uma predileção pela mão-de-obra negra, principalmente voltada para a agricultura, uma vez que os indígenas eram vistos como indolentes, preguiçosos e hostis. Ideia também defendida por Vicente Salles (2005 apud SILVA, 2015) que argumentou ainda que as disputas entre os jesuítas e os colonos referente ao controle da mão-de-obra indígena eram uma justificativa para a entrada e utilização de africanos na colônia.

Outros autores como Rafael Chambouleyron (2006 apud SILVA, 2015), destacaram as epidemias que atingiram as etnias indígenas e diminuíram drasticamente os números de integrantes dessas populações, sendo necessário um novo contingente de trabalhadores. Esses

---

<sup>10</sup> Os descimentos eram expedições nas quais os indígenas tidos pelos religiosos como "bravos", eram conduzidos para os aldeamentos. Nesses lugares eles recebiam os ensinamentos da fé cristã por meio da catequese e deveriam habituar-se ao trabalho sedentário. (SANTOS, 2002)

autores elucidam ainda como um dos fatores a se levar em conta para a inserção da população africana no Grão-Pará e Maranhão, a própria experiência brasileira de produção de cana-de-açúcar e outros produtos da lavoura nas capitanias do Nordeste, e o desejo que havia no período pombalino de reproduzir esse tipo de atividade em solo amazônico, sendo necessária assim a mão-de-obra africana considerada especializada para esse tipo de atividade.

Sobre as formas de inserção da população negra, Patrícia Melo Sampaio elenca as modalidades utilizadas por Vicente Salles (2006), sendo elas: o assento, o monopólio e a iniciativa particular (contrabando e comércio interno). O assento era responsabilidade da Fazenda real e se dava por meio de contratos, e aqui pode-se destacar a atuação da Companhia de Comércio do Maranhão (1682-1684) e Companhia Geral do Comércio do Grão Pará e Maranhão (1755-1778) responsáveis pelo tráfico negreiro (SAMPAIO, 2011). Já o monopólio se caracterizava pelos interesses da Coroa Lusitana em introduzir os escravizados no Pará, na tentativa de intensificar as práticas de agricultura na região. Assim, uma série de isenções era concedida em prol dos navios que realizavam o tráfico.

No que concerne a iniciativa particular, a autora destaca que sua atuação não logrou tanto êxito quanto as outras modalidades, já que na Amazônia o tráfico negreiro teve uma característica diferente, a participação da Coroa nas negociações, mas que desempenhou um papel importante com o comércio interno e o contrabando. No caso do comércio interno, as principais rotas dos traficantes eram em direção a Bahia e ao Maranhão, depois da independência passaram a vir dos portos do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Ceará e Maranhão.

Com a independência do Brasil e leis de proibição do tráfico negreiro, entre elas a Lei Eusébio de Queiroz<sup>11</sup> de 1850, o papel dos comerciantes internos passou a ser maior ainda, uma vez que os africanos eram comercializados entre os proprietários das regiões brasileiras. Já o contrabando, se tornou tão intenso quanto o comércio interno, chegando a ser confundido com esse último, e teve maior destaque após a extinção da companhia pombalina (SAMPAIO, 2011, p. 90).

Sobre essas iniciativas, a autora argumenta que a introdução das populações africanas não alcançou o resultado desejado nem em relação a mão-de-obra, visto que os indígenas continuaram sendo muito utilizados nas atividades, nem em relação a agricultura, devido as características do solo amazônico não serem favoráveis a lavoura. E ainda, mesmo com as

---

<sup>11</sup> A lei n. 581, de 4 de setembro de 1850, conhecida como Lei Eusébio de Queirós, estabeleceu medidas para a repressão do tráfico de africanos no Império. Sua promulgação é relacionada, sobretudo, às pressões britânicas sobre o governo brasileiro para a extinção da escravidão no país.

isenções por parte da Coroa Portuguesa se tornava muito caro adquirir pessoas na condição de escravizados, e quando vinham dos outros portos geralmente eram os menos desejados pelos proprietários. Contudo, é notável que a presença negra na Amazônia é uma constante desde o período colonial.

No século XIX era bastante evidente essa presença negra, seja trabalhando nas lavouras com os indígenas, ou nos centros urbanos das grandes capitais, eles desempenhavam as mais diversas funções, trabalhavam como escravos de ganhos, em construções, nas plantações dos senhores, eram pescadores, trabalhadores do porto, as mulheres trabalhavam como costureiras, nas vendas locais, entre outros afazeres. Sampaio (2009) aponta que a presença negra não se configurou apenas por meio da escravidão e que alguns desses homens e mulheres eram chefes de polícia, professores de músicas, lavadeiras e outros. É necessário ressaltar também as formas de solidariedade e os laços construídos entre africanos e indígenas que muitas vezes conviviam juntos nos quilombos e mocambos.

Assim, a inserção dos africanos na região causou um impacto no jeito de vestir, trabalhar, dançar, comer, falar e em várias outras esferas da vida, e não se pode deixar de ter um olhar voltado para essa questão, de realizar pesquisas que sejam comprometidas com essa temática, “Apesar de o silêncio sobre essas histórias notáveis ainda ser persistente, não há como negar que está sendo revertido pela força inquebrantável de todas essas experiências históricas.” (SAMPAIO, 2014, p. 31). Há muitos aspectos a se explorar sobre essa temática, e um deles são as contribuições desses sujeitos para a construção de novas identidades amazônidas. A cultura, a religião, a música e outras manifestações que foram trazidas durante a travessia pelo Oceano Atlântico e ilustram a riqueza de elementos presente na Amazônia, resultados da resistência africana.

Zélia Amador de Deus (2020) utiliza o termo cunhado pelo antropólogo Jaime Arrocha (1999) “vestígios de africanismo” para se referir aos conhecimentos trazidos durante a afrodiáspora, “[...] os africanos que cruzaram os oceanos não vieram sozinhos. Trouxeram consigo suas divindades, visões de mundo, alteridades – linguística, artística, étnica, religiosa –, diferentes formas de organização social e diferentes modos de simbolização do real.” (DEUS, 2020, p. 43). Sabe-se que as condições em que as populações negras eram submetidas nos navios eram degradáveis, expostas aos mais diversos tipos de violações, eram tratadas como mercadorias nas mãos dos europeus. Consequência do colonialismo e da escravidão, a travessia pelo Atlântico era uma experiência que tentava retirar desses povos sua essência e tradições ao inseri-los em outro continente.

É nesse contexto que a autora demonstra a importância dos “vestígios de africanismo” para a reconstrução pessoal e coletiva dos africanos e seus descendentes no continente americano. Através da memória eles puderam manter uma parte de sua cultura presente, utilizando a narrativa de Ananse – divindade africana cujo mito é originário dos povos Fanti-Ashanti, da região do Benin, África Ocidental – ela fala sobre importância do corpo negro como instrumento de resistência.

Assim como Ananse, que reúne em seu baú as histórias dos povos negros, esses homens e mulheres que atravessaram o oceano buscaram tecer fios que mantiveram vivos os seus traços culturais por meio de trocas e ressignificações, “[...] a ‘África’ que chega ao continente americano não é um todo homogêneo, mas um pedaço daquele continente marcado pela heterogeneidade de culturas e etnias.” (DEUS, 2020, p. 48). Essas teias que a autora cita são construções realizadas em coletivo, com base na solidariedade e na união diante da violência que sofriam, esses sujeitos buscavam formas de passar os conhecimentos que tinham, e aprender uns com os outros.

Um dos exemplos dessa construção cultural afrodescendente de maior destaque na região amazônica é a Dança do Marabaixo, estudada pela autora Piedade Lino Videira (2020). A Dança do Marabaixo é considerada a maior manifestação cultural de matriz africana do estado do Amapá, em relação a sua nomenclatura, uma das hipóteses levantadas pela autora é que tem a ver com as viagens realizadas pelos navios mar-a-baixo, derivando da junção das sílabas a palavra Marabaixo (VIDEIRA, 2020). No tocante a sua origem, ela afirma que o Marabaixo foi trazido pelos africanos escravizados introduzidos no estado no século XVII.

Herança de seus ancestrais, o ciclo do Marabaixo acontece em todo o estado do Amapá, tanto na área urbana quanto na área rural, e segundo a autora envolve desde de crianças até as pessoas de idade mais avançada. Uma das características marcantes do Marabaixo é o uso dos tambores e caixas, que são confeccionados pelos próprios moradores dos bairros das cidades e das comunidades rurais e quilombolas, e ainda as ladainhas<sup>12</sup> e cantigas<sup>13</sup>.

De acordo com a autora, o ciclo do Marabaixo no estado do Amapá reúne os moradores em uma celebração onde “A história e a cultura dos afroamapaenses são transmitidas às novas gerações como um “tecido” da tradição cultural africana, representando o simbolismo da

---

<sup>12</sup> Rezas cantadas nas noites de festejo.

<sup>13</sup> As cantigas do Marabaixo são compostas por versos que recebem a denominação de ladrão. São versos tirados de improviso com o objetivo de criticar, exaltar, agradecer, lamentar ou satirizar todos os fatos ocorridos no cotidiano da comunidade e nas relações sociais, no conjunto maior da sociedade. (VIDEIRA, 2020, p. 74)

transmissão e a propagação da história aos seus descendentes e às futuras gerações.” (VIDEIRA, 2020, p. 53).

Os versos das cantigas e ladainhas presentes nessas manifestações contam a história dos afrodescendentes no estado do Amapá, são elementos que evocam as raízes desse povo. Passadas através de gerações, permitem por meio da comunicação a transmissão de conhecimentos. Por essa razão é tão relevante conhecer como Joseane Calazans de Brito realiza esse tipo de comunicação em Mazagão Velho, pois ajuda a quebrar o silêncio que ainda persiste sobre a presença negra na Amazônia.

## 2 MAZAGÃO VELHO E A COMUNICAÇÃO POPULAR.

### 2.1. Mazagão Velho: berço da cultura amapaense

Joseane Calazans de Brito é professora de história e comunicadora, nasceu no distrito de Mazagão Velho<sup>14</sup> localizado no município de Mazagão, no estado do Amapá, distante 63 quilômetros da capital Macapá e cerca de 30 km da sede do município, conhecida habitualmente como Mazagão Novo. A origem do distrito remonta ao período pombalino na Amazônia no século XVIII. Nessa época, existia uma Mazagão na África, mais precisamente em Marrocos, que era uma cidade fortaleza dos portugueses. Em 1769, a Coroa Lusitana por meio da figura de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, e seu irmão Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador da Província do Grão-Pará, deram início às negociações para a transferência das famílias da Mazagão Africana para as margens do Rio Mutuacá, fundando a Vila de Nova Mazagão, atual Mazagão Velho.

Segundo Videira, Custódio & Silva (2019), a transferência das famílias mazaganenses ocorreu devido ataques dos mouros<sup>15</sup> contra a fortaleza portuguesa na cidade marroquina. Por conta desses conflitos, D. João I, rei de Portugal, determinou a desativação da cidade e autorizou a transferência da população para o território na porção norte de sua colônia na América. Nesse período, o território que corresponde ao atual estado do Amapá fazia parte da Capitania do Grão-Pará, e era alvo frequente de ataques de ingleses, holandeses e franceses, como ocorria em quase toda a região amazônica (COSTA, 2011). Por essa razão, a colonização na Amazônia se intensificou no século XVIII com a construção de fortalezas em áreas estratégicas.

O deslocamento dos mazaganenses vindos da África era parte de um plano da Coroa Portuguesa para que essas famílias atuassem na linha de frente da ocupação e defesa das fronteiras amazônicas. Em 1770 Nova Mazagão foi elevada à categoria de vila, mas em decorrência de uma epidemia de cólera que afetou os moradores e prejudicou as atividades que ali eram desenvolvidas, como a agricultura, ela retornou à condição de povoado em 1833. “Em 30 de abril de 1841, através da lei provincial do Pará n.º 86, a localidade volta a denominar-se Mazagão Velho. Em 19 de abril de 1888, Mazagão Velho foi elevada à categoria de cidade, por determinação da lei provincial n.º 1334.” (COSTA, 2011, p. 3). Em 1915 com a implantação

---

<sup>14</sup> Segundo Joseane, a população estimada do distrito é de 5.000 moradores.

<sup>15</sup> Natural ou habitante da antiga Mauritânia, região situada na costa oeste do deserto do Saara, na África; mauro, mauriense, mauritano, mourisco. Com o tempo, o termo passou a ser utilizado pelos cristãos para se referir as pessoas de pele escura e de religião muçulmana que habitaram a Península Ibérica, do século VIII ao XV.

do município de Mazagão, tendo como sede Mazagão Novo, Mazagão Velho passou a ser um distrito<sup>16</sup>.

Uma das características mais notáveis de Mazagão Velho são as manifestações culturais e religiosas, entre elas, a mais conhecida é a Festa de São Tiago, que acontece entre 16 e 28 de julho e encena o conflito entre cristãos e mouros por meio do teatro, das danças e de vários rituais religiosos. Segundo Gonçalves & Pereira (2016), os festejos em homenagem a São Tiago já ocorriam em Marrocos e com a transferência das famílias para o Brasil, muitas práticas religiosas e culturais vieram e foram sendo incorporadas e transformadas. Outra festividade de destaque em Mazagão Velho é a Festa do Divino Espírito Santo, sobre suas origens, há fortes indícios de que possa ter surgido em Portugal no século XIV e chegado ao Brasil no século XIX, com a participação de africanos, portugueses e açorianos, ela foi crescendo e se transformando em uma grande manifestação (MACHADO, 2014).

Essas festividades realizadas em Mazagão Velho, assim como em outras comunidades quilombolas no estado do Amapá, tem entre suas características a ligação de heranças africanas e aspectos europeus, em decorrência dos processos de colonização e escravidão. Essa mistura de elementos tem um significado extremamente importante para os africanos que foram trazidos para o Brasil, pois demonstra a resistência que havia no sentido de proteger suas formas de expressão religiosa, cultural, social, política, linguística, entre outras. No que se refere as festas de São Tiago e do Divino Espírito Santo, pode-se destacar o papel das irmandades e confrarias<sup>17</sup> para a constituição dessa mistura de características. Segundo Machado (2014), por meio das irmandades leigas os negros participavam das festividades e adquiriam um espaço para reconstrução de sua identidade dentro dessa sociedade repressora.

Zélia Amador de Deus (2020) aponta que, mesmo durante a travessia pelo Oceano Atlântico essas formas de resistência já eram postas em prática. A referida autora lembra as condições em que os negros eram transportados para as Américas, em consequência do colonialismo e da escravidão eram tratados como objetos, “coisificados”. Entretanto, apesar de todas as violências cometidas contra esses sujeitos, eles buscavam manter seus traços culturais, étnicos, religiosos e sociais consigo. E um desses instrumentos de resistência seria o corpo negro, encarado no campo da *performance*, é capaz de reproduzir ritos e danças e de contar histórias. (DEUS, 2020). Fazendo releituras a partir do mito de Ananse, os mazaganenses assim como a aranha, teceram fios que mantiveram vivas suas histórias e características durante a

---

<sup>16</sup> Mazagão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [S.I] 2017. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/mazagao/historico>>. Acesso em: 16 jan. de 2023.

<sup>17</sup> Associações laicas que funcionam sob princípios religiosos.

diáspora, e esses fios se encontram presentes em inúmeras práticas, como nas músicas, nas danças e outros.

No processo da diáspora, aqueles homens e mulheres que atravessaram o oceano desamparados viram rompidos os laços de linhagem que os agregava como etnias e, para não sucumbir, tiveram que elaborar diversas estratégias de sobrevivência. [...] E, para tanto, não contaram com outros recursos, senão seus corpos, suas mãos, suas habilidades com o que foram capazes de criar e improvisar. (DEUS, 2020, p. 49)

O festejo de São Tiago é um exemplo dessas festividades em que as estratégias de sobrevivência africana e afrodescendente podem ser identificadas. A presença negra nesses casos tem atuação nas melodias e expressões corporais como o *lundu*<sup>18</sup>, o batuque, e ainda a Dança do Marabaixo, o que demonstra a diversidade de elementos introduzidos nessas celebrações pelos africanos. Videira, Custódio & Silva (2019), classificam essas celebrações como patrimônios culturais do distrito de Mazagão Velho a partir das falas dos moradores que participam das mesmas, e são considerados os mantenedores dessa cultura. É visível assim a importância que essas manifestações adquirem nas comunidades, pois contribuem para a permanência das africanidades. Vale destacar ainda o papel da memória coletiva dos habitantes mais antigos, que guardam esses conhecimentos e os passam às novas gerações.

Foi nesse local que Joseane passou a infância e adolescência, ela expõe que nesse período vivenciou muitas dificuldades, a de locomoção era uma delas, uma vez que o acesso ao distrito só era possível por meio de transportes fluviais. As condições de estudo não eram as melhores possíveis, o que fez com que ela precisasse mudar para a capital a fim de concluir o Ensino Médio. E a principal atividade econômica desenvolvida pelos moradores era a agricultura.

No seio dessa comunidade, ainda criança, ela se deparou com as tradições das comemorações religiosas e culturais que eram realizadas, mas observou que os jovens nem sempre eram incluídos nas preparações, “[...] o que eu observei é que antigamente é, as crianças não tinham acesso à conversa dos adultos, então para você entrar numa das manifestações, para você fazer alguma coisa além do que você deveria, você tinha que completar dezoito anos.” (BRITO, 2019a). Essa transmissão de conhecimentos sobre as manifestações culturais em

---

18 O Lundu é uma canção/dança trazida pelos africanos escravizados vindos de Angola e do Congo no final do século XVII.

Mazagão Velho nem sempre ocorriam sem atritos, como narra Joseane, as crianças e adolescentes eram deixados de fora desse processo.

Por conta dessa espera para passar as outras gerações esses saberes, muitos deles se perderam com o tempo, já que quase não haviam documentos ou registros, e a comunicação com filhos e netos sobre esse assunto raramente acontecia. Assim, quando alguns membros mais velhos da comunidade faleciam, uma parte da história e das tradições se ia com eles. Esse foi um dos motivos que a levou desde os nove anos a anotar as informações, perdê-las significava não só a ausência desses elementos, mas deixar de lado a luta de seus ancestrais pela sobrevivência de suas raízes africanas. Uma das razões pelas quais ela escolheu a área de História foi justamente para entender como ocorreu o processo de formação de sua comunidade e a origem dos festejos como o de São Tiago, frisando a relevância dessas manifestações para a cultura de Mazagão Velho, considerada por muitos o berço da cultura amapaense.

## **2.2. A comunicação popular nas redes sociais**

A comunicação que Joseane desempenha nasceu com o objetivo de valorizar as tradições mazaganenses. Ela aponta que devido a ausência de informações a respeito dessas manifestações culturais, quase não existiam registros, “[...] na verdade a história de Mazagão antigamente, ela era só a base de oralidade, era difícil tu conseguir um livro que falasse, que contasse aquela história de dentro daquela comunidade [...]” (BRITO, 2019a). Por essa razão, desde pequena ela resolveu registrar as informações como uma estratégia de mantê-las vivas e acessíveis. Joseane sentia que a falta de registros e documentos poderia ser um entrave para o desenvolvimento sociocultural dos habitantes de Mazagão Velho, já que eles não tinham acesso a história da comunidade. Ela relata um episódio que a deixou desconfortável,

[Eu] Participava do Marabaixo, só que eu afastei depois que foram, vieram pessoal lá de Marrocos, o embaixador de Marrocos e de Portugal foram para Mazagão Velho e esse dia eu fiquei com vergonha porque eles pediram acervos daquela comunidade de Mazagão e não tinha, não tinha, porque a gente só estava ali no meio dançando e tipo não se importava muito em registrar. (BRITO, 2019a)

Diante dessa situação, e inspirada em um professor que teve na infância, Joseane resolveu seguir a carreira de docente e historiadora, para fazer com que seus alunos percebessem a importância de valorizar a história e a cultura mazaganense. Além de um

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a origem da Festa de São Tiago, em que desenvolveu a pesquisa utilizando as teorias acadêmicas para aprofundar seus conhecimentos sobre a sua comunidade, dessa relação com a universidade surgiu ainda a ideia de divulgar essas histórias nas redes sociais.

bell hooks (2013) argumenta que as teorias nascem da vivência dos seres humanos. No caso de Joseane, suas ideias sobre comunicação – ainda sem a noção exata de que estava realizando um tipo de comunicação – brotaram do sentimento de amor por essa comunidade e ao mesmo tempo da compreensão de que a cultura e a história de seu povo era invisibilizada, como aconteceu durante muito tempo com a população negra e afrodescendente na Amazônia.

Assim, ela resolveu colocar em prática o que aprendia na graduação, e escrever os relatos de vidas dos moradores do distrito era uma forma de fazer com que fossem reconhecidos e de desconstruir estereótipos criados em relação a comunidade, geralmente vista como festeira e ociosa. Semelhante a experiência de Florêncio Almeida Vaz Filho (2019), que se apropriou das teóricas acadêmicas e juntamente com seus conhecimentos reafirmou sua identidade indígena, Joseane utilizou essas concepções para buscar um lugar de fala que não é apenas seu, mas também da população de Mazagão Velho.

Dessa forma, passou a escrever as narrativas das personalidades mazaganenses em suas redes sociais, além de divulgar campanhas solidárias em prol dos moradores. Seu trabalho dá visibilidade também aos artistas locais, como músicos e poetas, e aos mitos, lendas e causos que circulam na região. Além disso, ela apresenta a agenda cultural e os eventos que ocorrem em Mazagão Velho e nas demais comunidades quilombolas do estado através de transmissões ao vivo para que todos possam acompanhar as festividades.

Em sua dissertação sobre o Ciclo do Marabaixo, Videira (2020) destaca a importância da produção cultural afrodescendente do Amapá e defende que “[...] é preciso que as cantigas, as ladainhas, as danças sejam transformadas em conteúdo educativo formal, por meio do resgate das histórias de vida e aprendizado de arte, no convívio com quem tem a sabedoria de décadas.” (p. 121). Sua proposta se assemelha ao trabalho de Joseane no que diz respeito a produção de conteúdo sobre a comunidade e seus moradores, da valorização dos saberes locais que devem ser compartilhados com o público.

O compromisso de Joseane com a comunicação nas redes sociais é nítido, pois se torna uma vitrine dos conhecimentos e ações desenvolvidas pelos habitantes de Mazagão Velho. Além do que, os meios digitais auxiliam na formação de redes, tanto é que a participação em encontros e oficinas de comunicadores populares se deu a partir da visibilidade que seu trabalho foi ganhando, adquirindo assim novos contornos:

[...] eu criei uma página, que é uma página “Especial Nova Mazagão” que é o nome da comunidade que é Mazagão Velho, e nessa página assim eu senti a necessidade que aquela comunidade ela precisava ser vista de alguma forma, quem não é lembrado né, quem não é visto também não é lembrado. Então assim, era pra ser publicações só de Mazagão, só que a página assim [riso] ela tomou outros rumos sabe, que as pessoas começaram a se interessar pelo trabalho e começaram a me procurar [...] (BRITO, 2019a)

Percebendo o impacto que as redes sociais podem causar, e nesse caso de maneira positiva, passou a utilizá-las como um espaço de apresentação não apenas de Mazagão Velho, mas das outras comunidades do estado,

Porque parece, assim, que as comunidades são invisíveis. Parece que a nossa cultura, assim, o que presta é o de fora. O de dentro não vale nada. Tá entendendo? Então, assim, é uma forma mesmo de esclarecer, de mostrar e de (de), até mesmo, de divulgar essa riqueza, esse riquíssimo legado cultural que o estado tem pra oferecer pra todo mundo. (BRITO, 2019b)

Nesse contexto, ela usa as redes sociais para transmitir e compartilhar as histórias dos moradores, suas experiências, conhecimentos, lutas, aspirações e reivindicações. Por meio de suas publicações realiza essa comunicação descentralizada do “EU” e foca no “TU” como aponta Buber (2001). Facilita o processo, mas os protagonistas são os habitantes de Mazagão Velho. Segundo Mário Káplun (1985), um dos primeiros passos para executar essa comunicação horizontal é partir do outro, conhecer e escutar seus destinatários, levar em conta suas realidades, e assim inseri-los na construção de conteúdos, programas e das demais produções que venham a acontecer, e parece ser esse o caminho que Joseane traça ao pensar a comunicação.

### **2.3. A comunicação popular no rádio**

Após um tempo, o trabalho de Joseane nas redes sociais passou a ser reconhecido por pessoas de fora do estado. Um dos primeiros foi o cineasta chileno Gavin Andrews, que a contactou quando ainda estava na graduação, para que o ajudasse a realizar um inventário sobre a festa de São Tiago. Dessa interação surgiu o pedido para que Joseane participasse de um

documentário sobre Mazagão Velho, gravado em Marrocos em 2016. Durante as gravações ela teve a oportunidade de visitar o lugar de origem de seus antepassados e conhecer com maior profundidade o processo de travessia que resultou na formação da comunidade. Sobre a experiência de participar do documentário Joseane declarou o seguinte:

Então assim, a partir daí, tudo mudou na minha vida sabe, tudo mudou assim é, tu fazer um trabalho assim só você, amador mesmo, um trabalho do jeito que tu escreve, o teu, cada um tem um jeito de escrever, eu não sei se tem um jeito certo de tu escrever, de tu se expressar, não sei se tem, entendeu. Mas assim, cada pessoa tem um jeito de se adequar a linguagem, a comunicação, a tudo. Então assim, eu falei “meu Deus do céu essa coisa tão simples, tão fácil me fez eu ir num local onde eu só lia, onde as pessoas só falavam, representar uma comunidade que tem cada personalidade ali, uma mais, que eu posso dizer, uma mais, que tem conhecimento maior que eu, que poderia tá, mas o cara entendeu que eu deveria estar naquele momento.” Então assim, eu agradeço assim muito a comunidade de Mazagão Velho pelo que eu sou hoje, e depois desse documentário é, eu posso dizer que a minha vida mudou assim nesse sentido de, ser reconhecida [...]. (BRITO, 2019a)

Após a participação no documentário, a professora passou a fazer parte do Projeto Mídia dos Povos<sup>19</sup>, a convite de João Ataíde, que a conheceu por meio das redes sociais. Nesse espaço de formação, teve contato com essa comunicação popular e descentralizada, ao aprender a confeccionar mini transmissores. Segundo os relatos de Joseane, as oficinas oportunizaram não apenas conhecimentos práticos, mas também a interação com outros comunicadores amazônidas e diferentes formas de realizar comunicação, seja ela livre, comunitária, popular, e através de meios diversos, rádio livre, rádio poste, teatro, cinema popular, entre outros. Isso levou Joseane a uma reflexão sobre as postagens nas redes sociais, percebeu que elas eram na verdade uma forma de comunicação.

Em decorrência disso, ela criou a página dedicada a Mazagão Velho no Facebook. O que antes era feito por meio de sua conta particular, ganhou um espaço voltado à exposição das produções culturais, sociais e religiosas dos mazaganenses. Surgiu ainda a ideia de levar e instalar o mini transmissor em Mazagão Velho. Conforme sua narrativa, a possibilidade de os habitantes do distrito realizarem seu programa de rádio “[...] animou o povo sabe, eles assim, [eles assim] ficaram é, como eu posso dizer, se sentido assim até importante [...]” (BRITO, 2019a). A utilização do mini transmissor em vários locais da comunidade deu aos moradores a

---

19 O Mídia dos Povos é um projeto que busca integrar povos tradicionais e coletivos de mídia visando a formação de uma Rede de comunicadores amazônicos.

chance de se tornarem os protagonistas, de utilizarem aquele espaço para falarem de suas questões, de suas realidades, e interajam entre si.

Infelizmente, a iniciativa de produzir um programa com os residentes da comunidade não durou muito porque o alcance do mini transmissor era curto, e o equipamento era frágil, ela até tentou instalar um outro aparelho, mas, para operar uma rádio eles precisavam obter a autorização da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). No entanto, essa experiência despertou em Joseane uma vontade ainda maior de dedicar-se ao meio radiofônico. Nos programas de rádio ela encontrou outra forma de promover a história e a cultura de seu povo, principalmente porque percebeu o desejo das pessoas em participar desse processo. Como defendem Zacariotti e Silva (2020), as rádios comunitárias, rádios postes, rádios livres e outras formas de comunicação utilizadas nas comunidades, propiciam não apenas o protagonismo dos envolvidos, mas a socialização e a criação de vínculos entre eles.

Após as atividades no Projeto Mídia dos Povos e no Fórum Social Panamazônico<sup>20</sup>, ela foi chamada pela radialista amapaense Cristina Homobono para fazer parte do programa “Espaço MPB” na Rádio São José de Macapá, como apresentadora voluntária. Na visão de Joseane, por ser ligada à igreja talvez a Rádio São José não alcance o mesmo público que as rádios seculares, mas seu objetivo é justamente falar com as pessoas que estão nas comunidades mais distantes, ribeirinhos, quilombolas, indígenas, extrativistas e outros atores sociais são o alvo da emissora. Assim, o trabalho que ela já desempenhava nas redes sociais teve o raio de ação ampliado ao ser transmitido na rádio. De acordo com Joseane, a partir de seu ingresso como apresentadora, juntamente com João Ataíde, o “Espaço MPB” ganhou uma nova feição,

A gente deu um outro foco. Estamos levando e também estamos descobrindo talentos, entendeu? Que, tipo num, que estava escondidinho ali, não tinha oportunidade. Porque as grandes rádios. Né? Como eles falam, não dão oportunidade pra [pra] essas pessoas, como poetas, como o pessoal do, os ribeirinhos, como os fazedores de cultura. (BRITO, 2019b)

Um dos quadros do programa na rádio é o “Mitos/lendas”, assim como nas redes sociais, as narrativas populares da região são contadas aos ouvintes, o que diverge nesse caso é que os moradores das comunidades são os convidados responsáveis por apresentar esses enredos. Os músicos e artistas do estado também participam do programa e aproveitam o espaço para

---

20 Ocorreu em 2017, em Tarapoto no Peru, e reuniu pessoas, povos, comunidades e organizações que estão em busca de desenvolvimento sustentável para a Amazônia.

divulgar suas composições. Se a comunicação que ela realiza nas redes sociais tem o objetivo de alcançar mais pessoas, mostrando as riquezas existentes dentro de Mazagão Velho para o resto do Brasil e do mundo, o seu trabalho no rádio visa chegar aos amapaenses que ligam e escutam um programa que foi pensando para eles, e mais que isso, onde sua participação é primordial e suas vozes são ouvidas. Outra experiência com rádio narrada por Joseane foi o trabalho que ela desenvolveu com seus alunos,

Eu montei uma rádio na sala de aula, pra passar aquela história. Entendeu? Pra ser mais interessante levei uns 5 rádios e coloquei em pontos estratégicos – entendeu? – da escola mesmo. Então, quem estava na escola escutou toda a minha aula. E as (as) explicações dos alunos. (BRITO, 2019b)

Sua estratégia de utilizar a rádio enquanto metodologia de ensino, despertando nos alunos tanto o interesse pelos conhecimentos referentes aos conteúdos escolares, quanto pelo meio radiofônico, corresponde as práticas de Educomunicação. Mário Kaplún (2014) é um dos autores que trabalham a educomunicação, e defende a relação entre essas duas esferas – comunicação e educação – a partir do viés dialógico, em que a comunicação não é vista apenas como um meio ou instrumento, mas sim um espaço de formação coletiva, que auxilia na transformação dos estudantes em seres humanos mais críticos.

Ainda que o enfoque não seja analisar como ela desenvolve a educomunicação com seus estudantes, é interessante demonstrar como a comunicação foi galgando espaços em todas as áreas da vida de Joseane. A preocupação com a formação dos jovens dessas comunidades despertou o desejo de trabalhar programas de rádio não apenas dentro do ambiente escolar, mas de montar uma rádio comunitária que consiga envolver a juventude nessas atividades.

Tanto na página “Especial Nova Mazagão” quanto no programa de rádio “Espaço MPB”, e até mesmo nas escolas, seu objetivo é evidenciar as raízes históricas e culturais de Mazagão Velho, as produções que são realizadas, os conhecimentos locais, mas sem deixar de lado a preocupação com os sujeitos, com as histórias da comunidade, com os artistas, com a formação dos jovens, e dessa forma ela auxilia na afirmação da identidade coletiva desse povo. A comunicação é um instrumento de mobilização e mudança social, e que pode proporcionar, dependendo de como essas práticas são desenvolvidas nas comunidades, o bem-estar social, o desenvolvimento sustentável e a afirmação da cidadania. (ZACARIOTTI; SILVA, 2020, p. 91).

A comunicação que Joseane executa tem gerado frutos, as pessoas sentem confiança e acreditam que essas ações fazem a diferença, o que acarreta um engajamento por parte desses agentes sociais, que levam informações sobre o que ocorre dentro das localidades, que denunciam a falta de ações e do cumprimento de políticas públicas na região. O mais interessante é eles se tornam comunicadores também, ao procurar as informações, ao narrar o que ocorre em seu cotidiano, o que consideram importante, estão fazendo parte desse processo. Utilizando o termo citado por Mário Kaplún (1985), são “Emirec’s”, emissores-receptores, que por meio dessa comunicação democrática anunciam suas lutas e vivências.

#### **2.4. Formação de redes**

É notável a importância que a comunicação adquiriu na vida de Joseane, tanto é que, quando questionada sobre os objetivos de seu trabalho, defendeu a importância de ampliar essa rede de comunicadores em Mazagão Velho e nas outras comunidades, a partir de oficinas e encontros de formações. Uma de suas ideias é:

[...] montar uma rádio – né? – pode ser até comunitária, pode ser a livre, dentro das comunidades. Não do Mazagão. Mas, vir pra outros locais. Né? Ribeirinhas, essas coisas. E levar esse conhecimento pra mais longe. Entendeu? Pra que eu possa trazer mais gente pra fortalecer essa rede de (de) conseguir, na verdade, trazer também, por exemplo, essas pessoas que fazem essas oficinas como transmissor, essas coisas, pra dentro da comunidade pra eles terem a experiência. Porque se eu conseguisse trazer alguém que viesse para cá para ministrar essas oficinas de rádio mesmo, livre, essas coisas, pra comunidade daria para convidar os jovens da Foz, do Carvão, dessas comunidades que são próximas de Mazagão Velho e fazer um encontro em Mazagão Velho. (BRITO, 2019a)

Sua meta é conectar todas essas comunidades que fazem parte do Amapá e a partir das oficinas multiplicar os comunicadores nesses locais. Apesar das dificuldades que ela aponta, por meio de suas narrativas é possível perceber que há uma rede comunicadores dentro de Mazagão Velho e que conta com pessoas como Jozué Videira. Jozué é considerado por Joseane um mestre de cultura e é idealizador de vários projetos, um deles com o intuito de ensinar as crianças e os jovens de Mazagão Velho a confeccionarem as caixas e os tambores utilizados na Dança do Marabaixo e nas festividades locais, o que é extremamente importante segundo ela, porque é uma forma de integrar a geração mais nova às tradições mazaganenses, e ao mesmo tempo, preservá-las.

Pela importância do trabalho que Jozué desenvolve dentro do distrito, ele foi convidado também a fazer parte do documentário sobre a origem desse local, e é perceptível a admiração que Joseane sente por ele,

[...] por mim ele já teria já até o título de mestre da cultura seja por onde for mas pra mim ele é meu mestre, ele é meu mestre por tudo que ele faz pelas milhares de crianças que ele já formou ali né, se não fosse ele não teria mais um batedor de caixa, não teria mais essa nossa linda cultura que temos dentro da comunidade, hoje tu vai chegar no Mazagão tu vê criança de tudo quanto é idade com a caixa de Marabaixo tocando, que é o que é nosso entendeu, o batuque, o vominê, tudo, o sairé, tudo é o Jozué que passa pra essas crianças [...] (BRITO, 2019a)

A atuação de Jozué com a juventude ocorre dentro do centro cultural “Raízes do Marabaixo”, e conta com a ajuda de Carlos Augusto Gomes, mais conhecido como Carlitão. Carlos é músico e professor de Educação Física, e assim como Joseane, desenvolve projetos relacionados a biografia das personalidades mazaganenses. Promove ainda o resgate das músicas e ladainhas cantadas nos festejos, uma de suas iniciativas foi levar os moradores de Mazagão Velho para o estúdio com a finalidade de gravar um CD com as músicas que eles produziam, uma forma de guardar essas canções para a posteridade e assegurar que elas não se percam.

Além disso, ele tem um acervo documental riquíssimo sobre Mazagão Velho e outras comunidades do estado. Segundo os relatos de Joseane, foi ele quem ajudou os moradores a recuperarem a festa de fundação do distrito, que acontecia em Mazagão Novo, sede do município de Mazagão. Isso gerava um enorme descontentamento naquelas pessoas, porque a festa é parte da história da comunidade e não ser realizada no local de origem simbolizava a ausência de uma parte dessa história. Percebendo isso, Carlos Augusto se empenhou em trazer essa comemoração de volta para Mazagão Velho.

Outra pessoa muito importante na jornada de Joseane como comunicadora é Cristina Homobono, radialista e referência no ramo da comunicação, foi uma das primeiras mulheres a atuar na rádio no Amapá, muito preocupada também com a preservação dos costumes e tradições regionais, apresenta em seu programa um quadro dedicado a história do estado. Cristina é uma das maiores apoiadoras de Joseane, o convite feito para que ela se tornasse locutora no programa abriu uma nova porta para o trabalho que ela desempenhava nas redes sociais alcançasse um outro público, aqueles que muitas vezes não tem acesso aos meios digitais, por diferentes razões, mas que ouvem a rádio.

João Ataíde é outro nome importante na trajetória de Joseane com a comunicação, sendo seu parceiro na Rádio São José, foi quem a convidou para uma das primeiras oficinas no Projeto Mídia dos Povos. A partir dessas viagens e reuniões, juntamente com João Ataíde, Joseane conseguiu ampliar essa rede para fora do estado. Os encontros com comunicadores de várias partes da Amazônia, tanto nacional quanto internacional, possibilitou que as ações que realizadas em Mazagão Velho, como as transmissões via internet por exemplo, fossem acompanhadas por comunicadores do Peru e de outros países. Assim, essa rede que se formou permitiu a conexão de diferentes partes da Amazônia.

Isso ocorreu porque Joseane agarrou as oportunidades que apareceram. É claro que nesse caminho surgem obstáculos, ela relatou que em várias ocasiões se sentiu desanimada e frustrada, pois mesmo com seus esforços recebeu inúmeras críticas de pessoas que não conhecem o seu trabalho, e tentam enfraquecer a importância de sua atuação. Mas isso não diminui a vontade que tem de realizar essa comunicação, um processo com várias facetas, que começa com o ato de documentar e registrar as memórias dos mazaganenses, com o objetivo de valorizar essa comunidade.

Suas ações como comunicadora implicam ouvir, aprender, criar e compartilhar. Ouvir as histórias de vida dessas pessoas, conversar com elas, registrar suas memórias e recordações. Por meio dessas histórias é possível aprender, perceber o quanto esses sujeitos e suas práticas são relevantes e o quanto suas trajetórias estão entrelaçadas com a própria história de Mazagão Velho. E assim ela cria espaços voltados a essa comunicação, envolve a comunidade nessa produção de conhecimentos e por meio das redes sociais e do rádio ela compartilha e dá visibilidade a esse processo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho pretendeu responder a seguinte questão, que tipo de conhecimentos são produzidos a partir da comunicação popular executada por Joseane Calazans de Brito em Mazagão Velho/AP. Para se atingir uma compreensão sobre esse assunto, foi necessário entender primeiramente como ela se tornou comunicadora popular, e o significado que atribui a comunicação. Posteriormente, precisou-se identificar as formas e os meios pelos quais realiza essa prática. Utilizando como metodologia a etnografia dialógica, as narrativas de Joseane foram usadas não apenas como objeto de pesquisa, mas como saberes produzidos fora do espaço

acadêmico, que dialogam e/ou confrontam com autores que trabalham essa temática, oferecendo uma outra ótica sobre esse assunto.

A reflexão de Joseane sobre a importância da comunicação iniciou ainda na infância, a partir da constatação de que as tradições de Mazagão Velho não eram registradas e de que havia uma ausência de documentos que contassem a história daquele local. Sua preocupação com a manutenção dos aspectos culturais, sociais e religiosos de seu distrito, foi o que a levou a fazer graduação em História e a pesquisar essa temática. E nesse sentido, é possível perceber o processo de teorização defendido por Hooks (2013), que consiste em refletir sobre o seu cotidiano e a partir disso buscar maneiras de solucionar esses problemas.

Um dos primeiros produtos que surgiu dessa investigação realizada por Joseane foi seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sobre o Festejo de São Tiago. Aliando os conhecimentos acadêmicos com os saberes que detinha sobre a festividade, e ao resgatar as origens dessa celebração, ela recuperou também uma parte da história desse povo, da formação da comunidade, e da reinvenção e ressignificação dos elementos trazidos por seus ancestrais para Mazagão Velho.

No que diz respeito a noção de comunicação postulada por Joseane em suas narrativas, essa nasce como uma forma de contar as histórias e de valorizar essa localidade. Isso é visível tanto nas redes sociais quanto no programa de rádio, meios utilizados para divulgar as biografias dos moradores, os aspectos culturais, as manifestações religiosas, as narrativas populares, e tantas outras realizações que ocorrem nesse local. A comunicação popular que Joseane realiza nos leva a refletir sobre a importância de realizar essa valorização sociocultural em outras partes da Amazônia, a perceber as diferentes realidades que existem na região, os grupos sociais aqui presentes, como foram inseridos e suas estratégias de sobrevivência e reinvenção, nesse caso específico, dando ênfase na presença negra na Amazônia.

É notável ainda a maneira pela qual Joseane percebe a comunicação como meio de integração da juventude nesse processo de preservação da cultura local, e ela se torna um espaço de formação. Seja nas escolas, nas ações desenvolvidas por seus parceiros como Jozué Videira e Carlos Augusto, ou nas oficinas e eventos voltados para a população, esse trabalho coletivo proporciona não apenas o aprendizado, mas também a reflexão sobre a realidade a qual fazem parte, por meio do diálogo. E nesse sentido, é necessário destacar o empenho de Joseane ao escutar seus destinatários, em fazer com essas pessoas sejam os protagonistas nesse processo.

Em relação a produção de conhecimentos, questão norteadora deste trabalho, a hipótese inicial que se tinha é que Joseane construía esses saberes sobre Mazagão Velho de forma individual, e utilizava a comunicação para divulgá-los. No decorrer da pesquisa, constatou-se

que ela utiliza a comunicação para apresentar os conhecimentos que já existem em Mazagão Velho e nas outras comunidades, escutando os moradores, registrando informações, “O que eu produzo é o que essas pessoas realmente tinham vontade de fazer e não conseguem, de alguma forma, pelas dificuldades da escrita, pela, o acesso mesmo à (à) internet [...].” (BRITO, 2019b). Portanto, essa produção de conhecimentos é um trabalho coletivo, sejam eles históricos, culturais e/ou tradicionais, o que Joseane faz é dar aos habitantes dessa comunidade a oportunidade de fazer com que esses saberes não fiquem confinados, ou seja, que cada vez mais pessoas possam conhecer a história de Mazagão Velho, a cidade que atravessou o Atlântico.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Rosane. **Mídias, racismos e outras formas de destituição: elementos para o reposicionamento do campo da comunicação.** In: Vozes negras em comunicação: mídias, racismo, resistências. Org. Laura Guimarães Corrêa. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BRITO, Joseane Calazans. **Entrevista concedida ao projeto “Tecendo Redes Interculturais nas Amazôniaas”.** [18 agos. 2019]. Entrevistador: Guilherme Gitahy de Figueiredo. Macapá, 2019a. 1 arquivo mp3. (110 min.).

\_\_\_\_\_. **Entrevista concedida ao projeto “Tecendo Redes Interculturais nas Amazôniaas”.** [19 agos. 2019]. Entrevistador: Guilherme Gitahy de Figueiredo. Amapá, 2019b. 1 arquivo mp3. (150 min.).

BUBER, Martin. **Eu e Tu.** Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

COSTA, Antônio Gilberto. **Os documentos cartográficos e outras iconografias: importância na pesquisa e preservação do patrimônio cultural do Brasil.** Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, 2011. Disponível em: <[https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/COSTA\\_ANTONIO\\_GILBERTO.pdf](https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/COSTA_ANTONIO_GILBERTO.pdf)>. Acesso em: 16 out 2022.

DEUS, Zélia Amador de. **O corpo negro como marca identitária na diáspora africana.** In: Caminhos trilhados na luta antirracista. 1. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2020. (Coleção Cultura Negra e identidades). editorial, p. 207-238, 2016.

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. **O “anjo exterminador” da antropologia e a contribuição de June Nash para a etnografia dialógica.** In: Fazendo Antropologia no Alto Solimões 27, org. Antonio Carlos Batista de Souza, Michel Justamand, Tharcísio Santiago Cruz, Alexa Cultural: São Paulo, EDUA: Manaus, 2020.

\_\_\_\_\_. **Tecendo identidades abertas: a experiência do Laboratório de Comunicação Intercultural e suas redes na Panamazônia.** Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 11, n. 20, p. 170-197, jan-jun 2022. Semestral.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES, Luís Jorge; PEREIRA, Cláudia Matos. **Mazagão Velho, Santuário de Santiago na Amazônia (Macapá-Brasil).** Revista Santuários, Cultura, Arte, Romarias, Peregrinações, Paisagens e Pessoas, 2016. Disponível em: <[https://www.cbsp.it/web/santuarios2016/programma%20e%20pdf%20vari/pdf\\_articoli/Gon%C3%A7alves%20&%20Pereira.pdf](https://www.cbsp.it/web/santuarios2016/programma%20e%20pdf%20vari/pdf_articoli/Gon%C3%A7alves%20&%20Pereira.pdf)>. Acesso em: 17 abril 2022.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Tradução: Ana Luiza Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

\_\_\_\_\_. **Teoria feminista: da margem ao centro.** Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KAPLÚN, Mário. **El comunicador popular.** Quito: CIESPAL, 1985.

\_\_\_\_\_. **Uma pedagogia da comunicação.** In: Educomunicação: para além do 2.0. Org. Roberto Aparici – São Paulo: Paulinas, 2014.

MACHADO, Sândala Cristina da Soledade. **A Festa do Divino, nos dois lados do Atlântico.** Revista Tempo Amazônico, v. 1, n. 2, p. 34-49, 2014. Disponível em: <[https://rj.anpuh.org/resources/download/1415135900\\_ARQUIVO\\_FESTADODIVINO.pdf](https://rj.anpuh.org/resources/download/1415135900_ARQUIVO_FESTADODIVINO.pdf)>. Acesso em: 17 abril 2022.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. **De mocambeiro a cabano: Notas sobre a presença negra na Amazônia na primeira metade do século XIX.** Terra das águas. UnB, Núcleo de Estudos Amazônicos. Brasília: Paralelo 15, p. 148-172, 1999. Disponível em: <<https://historiadooamazonas.files.wordpress.com/2011/02/balkar-artigo-de-mocambeiro-a-cabano.pdf>>. Acesso em: 15/11/2022.

SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. **Amazônia: fronteiras, identidades e história.** Ciência e Cultura: São Paulo, v. 61, n. 3, p. 26-29, 2009. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252009000300011&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000300011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 13 de dezembro de 2022.

\_\_\_\_\_. **Espelhos Partidos: etnia, legislação e desigualdade na Colônia.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Floresta Negra: A experiência e os impactos da escravidão africana na Região Amazônica.** Carta Fundamental, São Paulo, p. 28 - 31, 19 nov. 2014.

SANTOS, Francisco Jorge dos. **Além da Conquista: guerras e rebeliões indígenas na Amazônia pombalina.** Manaus: Editora da Universidade do Estado do Amazonas, 2002.

SILVA, Marley Antonia Silva da. **O tráfico de africanos na Amazônia colonial: abordagens historiográficas.** Revista Margens Interdisciplinar, n. 12, v. 9, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v9i12.3076>>. Acesso em: 15/11/2022

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. **O nativo revestido com as armas da Antropologia.** Revista do PPGCS, UFRB: Novos Olhares Sociais, v. 2, n. 1, p. 51-78, 2019. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/novosolharessociais/article/view/464>>. Acesso em: 15/08/22.

VIDEIRA, P. L.; CUSTÓDIO, E. S.; SILVA, D. V. **Educação patrimonial no contexto escolar: uma proposta pedagógica para o Centro de Atendimento Infantil Vó Olga/Amapá.** Revista Cocar: Edição Especial, n. 5, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2343>>. Acesso em: 13 de junho de 2022.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense.** 2ª ed. - Curitiba: Brazil Publishing, 2020.

ZACARIOTTI, Marluce; SILVA, Valquíria Guimarães da. **Identidades culturais, comunicação e cidadania: uma experiência na comunidade quilombola a “Barra de Aroeira”**. In: Comunicação, cultura e identidade: folkcomunicação no Tocantins. Org. Veronica Dantas Meneses, Wolfgang Teske. - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2020.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS – SIB/UEA  
TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL

**1. Tipo de Obra (Livro, Capítulo de Livro, TCC, Artigos de periódicos, vídeos etc):**

COMUNICAÇÃO POPULAR NA AMAZÔNIA: a produção de conhecimentos de Joseane Calazans de Brito em Mazagão Velho/AP

**2. Identificação do Autor**

Nome: Suellen Amanda da Silva Freire

RG: 2819986-3

CPF: 02458064230

Email: suellenfreire15.sf@gmail.com

Celular: (97) 984037534

**3. Identificação do Documento**

Título da obra: COMUNICAÇÃO POPULAR NA AMAZÔNIA: a produção de conhecimentos de Joseane Calazans de Brito em Mazagão Velho/AP

Número de páginas: 42

Palavras-Chave: Comunicação Popular; Mazagão Velho; Valorização Cultural; Conhecimentos.

**4. Informações de Acesso ao Documento**

Este documento é confidencial?\*

Sim  Não

Este trabalho ocasionará registro de patente?

Sim  Não

Este trabalho pode ser liberado para reprodução:

Total  Parcial

Em caso de reprodução parcial, especifique quais os capítulos:

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação supracitada, de acordo com a Lei nº 9.610/98, autorizo a Universidade do Estado do Amazonas a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, conforme permissões assinaladas acima, o documento em meio eletrônico na Rede Mundial de Computadores, no formato digital PDF, para fins de leitura, impressão ou download, a título de divulgação científica gerada pela Universidade, a partir desta data. Estou ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade.

Suellen Amanda da Silva Freire

29/03/2023

UEA - Amazonas

Assinatura

Data

Local

\*A restrição poderá ser mantida por até um ano a partir da data de autorização da publicação. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à Coordenação do Curso. Todo resumo estará disponível.

**5. Trabalho em processo de submissão/ publicação em periódicos de acesso restrito**

Este trabalho está em processo de ajustes para submissão?

Sim  Não

Em caso afirmativo, solicitar assinatura do orientador.

Assinatura do orientador

Data

Local

Este trabalho foi submetido para revistas de acesso restrito? \*

Sim  Não

Este trabalho foi publicado em revista de acesso restrito? \*

Sim  Não

Estou ciente que a biblioteca não fará o depósito do meu trabalho no Repositório institucional e que o mesmo será inserido apenas no acervo físico da biblioteca. Compreendo os impactos desta decisão tanto para a avaliação do curso quanto no tocante à visibilidade do autor e desta pesquisa.

Assinatura

Data

Local